

De filósofos, magos, humanistas e intelectuais: um estudo sobre o pensamento (e a educação) nos tempos modernos

Diana Gonçalves Vidal

Escrito com requinte, *Pensando a educação nos tempos modernos*, de Maria Lúcia Hilsdorf, é produto de reflexões da autora na construção da disciplina "História da Educação Moderna e Contemporânea", na Faculdade de Educação-USP, e objetiva o "*estudo das idéias pedagógicas dos Tempos Modernos, nas suas articulações com a produção filosófica e científica do período*". Se a relação do texto com o trabalho da graduação em Pedagogia vem afirmada no primeiro parágrafo da *Apresentação*, sua leitura não deve ser pensada como restrita a alunos, alunas, professores e professoras envolvidos com a História da Educação. O livro de Hilsdorf interessa a todos aqueles que apreciam uma boa leitura: escrita precisa, análise inteligente, articulação sensível de idéias.

Não é por acaso que o primeiro capítulo do livro, ou o como prefere Maria Lúcia, do curso, começa indagando quem pensa as questões de educação nos tempos modernos. A pergunta inicial e a ma-

neira como a autora a responde traçam as linhas mestras de construção do texto.

Ao inquirir-nos (inquirir-se) sobre aquele que pensa a educação, Hilsdorf põe em cena seu objeto de interesse: compreender os diferentes pensamentos sobre educação enunciados durante os séculos XV a XIX (chegando ao início do XX). Obras de referência, personagens e momentos históricos interpenetram-se no traço seguro e vigoroso com que Hilsdorf desenha sua análise, demonstrando um profundo conhecimento sobre o pensamento educacional nos *tempos modernos*.

Ao elaborar sua resposta, ainda, autora desvela os princípios de seu método. Estabelecendo um diálogo entre o destacado historiador Jacques Le Goff e o para nós pouco conhecido Eugene Garin, inicia um procedimento que irá permeiar toda a obra: apoiar-se numa bibliografia italiana de pequena difusão no Brasil, contraposta/aposta/complementada por autores cuja presença no campo educacional brasileiro é constan-

HILSDORF, Maria Lúcia S. *Pensando a Educação nos tempos Modernos*. São Paulo: Edusp, 1998, 141p.

te, construindo uma abordagem criativa que não pode deixar de fascinar o leitor.

Sua erudição revela-se tanto na maneira como articula filosofia a história, enraizando temporal e espacialmente o pensamento dos autores estudados, quanto na forma como discorre sobre as representações pictóricas que, mais que *ilustrações*, oferecem à Maria Lúcia a oportunidade para exercer com maestria a fina escrita da historiadora.

Vejamos como Hilsdorf elabora seu texto, aproximando-nos de aspectos tratados em cada capítulo. No primeiro e no segundo, com o propósito de refletir sobre quem pensa a educação, inicialmente restringindo-se aos séculos XV e XVI, a autora estabelece um diálogo com o historiador Le Goff que lhe serve de mote para introdução da idéia de “homem polidétrico” de Windelband. Partindo dos estudos de Le Goff, explora a figura do intelectual do Renascimento como humanista, indagando-se sobre as diferentes propostas pedagógicas humanistas. Scribilitando-se pela concepção de Garin, apoiada em Windelband, percebe esse intelectual também como mago, ocultista e naturalista, o que faz a autora distanciar-se de análises mais correntes em história da educação, propondo uma visão, se não inovadora, estimulante para aqueles que se ocupam em estudar o período. Discorre sobre Paracelso, Cardano, Pomponazzi, Giordano Bruno, Copérnico, Galileu, saindo do campo dos educadores *tout court* e ampliando as formas de perceber o imaginário quinhentista.

O capítulo III propõe-se a abordar o intelectual do século XVII. Para a autora continua válida a perspectiva de filósofo-humanista e mago do Renascimento na construção da imagem compósita desse intelectual. Mas percebe-a como insuficiente se não for associada à imagem do universo como um grande mecanismo: “*um dos temas da cultura do século XVII, em polêmica com a idéia renascentista do mundo construído à medida do homem*”. Assim, a lente da autora desfoca-se, por momentos, da centralidade do pensador, procurando enquadrar (e não esquadriñar) a própria noção de ciência que vai

se constituindo no seiscento. Por essa tripla são visitados Bacon, Comênio, Mersenne, Descartes e Locke.

Os intelectuais iluministas do século XVIII são o objeto do capítulo IV. Partindo da afirmação da circulação intensa das concepções de Locke, Maria Lúcia compreende o trabalho dos intelectuais do setecento como o de “*naturalização dos temas e problemas que investigavam*”. Uma das conseqüências, segundo a autora, para o mundo escolar, dessa preocupação empiricista, foi o “*combate e crítica às instituições tradicionais de ensino, privadas, representadas pelo ‘colégio de humanidades’ dos jesuítas e [...] proposição de uma educação pública, realista e científica para a formação do homem integrado socialmente*”. Outra, o renovado interesse pelas coisas, pela materialidade da vida na cultura escolar. Explorando a relação natureza/sociedade (cultura) pelo viés de pensadores considerados educacionais, Maria Lúcia debruça-se sobre Helvétius e Rousseau.

No capítulo V, somos levados a uma outra região da Europa. Franceses e ingleses perdem lugar na cena central e os intelectuais iluministas e românticos da Alemanha sobem ao palco. Os pensamentos de Pestalozzi, Fröbel e Herbart são analisados pela autora em diferentes matizes. Interessa-a perceber suas filiações filosóficas, a imagem de homem que elaboram e suas concepções pedagógicas. Assume destaque a discussão em torno do método intuitivo.

No capítulo final, adentramos decididamente o século XIX, chegando a tocar levemente o XX. O tema principal é a Educação Nova. Os personagens destacados são Kerschensteiner, Claparède, Decroly e Montessori. Estudados na sua diversidade e singularidade, permitem à autora perceber um fio comum de pensamento: a contribuição dos médicos-educadores na construção científica da mente infantil. Maria Lúcia detém-se, ainda, em último pensador: Dewey. Releva sua crença na positividade da experiência produzida em conjunto para a construção de uma sociedade “verdadeiramente” democrática.

Por não trazer introdução ou conclusão, o leitor ressentido de não ouvir

uma voz mais *límpida* da autora. Ao longo de todo o livro a presença de Maria Lúcia é constante seja nas indagações que realiza, seja na maneira como efetua as escolhas bibliográficas e o encaminhamento da análise, denotando não a atitude de uma simples comentadora, mas de uma analista arguta e precisa. A ausência de um fechamento, entretanto, lança o leitor numa certa sensação de incompletude. A falta da introdução é amenizada pela *Apresentação*, onde a autora localiza rapidamente o lugar de enunciação de seu discurso e aponta a(s) preocupação(ões) que a levaram a redigir o livro.

Mas a conclusão, essa, ela nos nega. Não vale o argumento de que pensado como curso, o livro desobrigar-se-ia de algumas palavras finais. Mesmo no atabalhado dos nossos semestres, encontramos tempo para a conclusão dos trabalhos. Talvez, destoando da segurança da pena da historiadora, a autora preferiu ocultar-se nas sombras da escrita. Talvez por pensar o livro como obra aberta teve receio de anunciar (enunciar) os argumentos finais. De qualquer forma, deixou-nos de brindar com uma última fala (quase um consolo pela instigante leitura que chegava ao fim).

